

AVALIANDO O PAPEL DO EDUCADOR FRENTE AOS DESAFIOS DE UMA SOCIEDADE EM PROCESSO DE MUDANÇA ACELERADA

Vanderlei BARBOSA*

"Debaixo do céu há momento para tudo, e tempo certo para cada coisa: tempo para nascer e tempo para morrer. Tempo para plantar e tempo para arrancar a planta. Tempo para matar e tempo para curar. Tempo para destruir e tempo para construir. Tempo para chorar e tempo para rir. Tempo para gemer e tempo para bailar. Tempo para atirar pedra e tempo para recolher pedra. Tempo para abraçar e tempo para se separar. Tempo para procurar e tempo para perder. Tempo para guardar e tempo para jogar fora. Tempo para rasgar e para costurar. Tempo para calar e tempo para falar. Tempo para amar e tempo para odiar. Tempo para guerra e tempo para a paz"(Coelet).

Introdução

Esta imagem bíblica é bastante iluminativa para pensar este final de século. Consta-se hoje a vivência de uma crise que vem atingindo a todos os segmentos sociais. Frente a isso surgem os que vaticinam o advento do apocalipse e os que vislumbram o emergir de um novo tempo. Cabe a nós educadores termos a sabedoria para discernir se o Tempo é para calar ou para falar. Posta esta questão restamos um dilema: caos ou novidade?

Nosso dever de educadores, é inculcar em nossos educandos a coragem e demonstrar-lhes por meio de pequenos sinais as certezas que nos motivam de que vale a pena viver e que o futuro está pleno de possibilidades.

É inegável que o mundo está em um processo de mudança acelerada que atinge a

todas as esferas econômicas, políticas e sociais. Vivemos um tempo caracterizado por transformações paradigmáticas. Diante desse processo e dos novos desafios que dele emergem verifica-se uma mobilização em todos os campos do conhecimento, na busca de soluções para problemas que hoje alcançam dimensões planetárias e por isso mesmo exigem respostas abrangentes e globais.

Especificamente, todos aqueles que trabalham no campo da educação e pensam criticamente o seu processo enfrentam, neste limiar do século XXI, os grandes desafios, como: ecologia, globalização, neoliberalismo, desemprego, medo, violência, discriminação, individualismo, exclusão e uma infinidade de outros desafios que poderiam ser aqui acrescentados.

Em face desses desafios são indispensáveis alguns questionamentos: O que esperar da

(*) Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação - PUC-Campinas.

educação? Qual o papel do educador? Avaliar o que, como, quem? Quais os rumos do processo educativo?

O objetivo, deste texto, é exatamente a partir desses desafios e questionamentos estar avaliando o papel do educador frente aos desafios de uma sociedade em processo de mudança acelerada. Para tanto, o nosso texto se divide em dois momentos: primeiramente, voltamos nosso olhar para o atual contexto de globalização, buscando mediante uma visão crítica, um contraponto à imperiosa e ideológica hegemonia do neoliberalismo. Posteriormente, centraremos nossa atenção na educação e as suas especificidades didáticas, avaliativas e educacionais.

1. Neoliberalismo - Definição - Características:

Pensar o papel do educador frente aos desafios de uma sociedade em processo de mudança acelerada, em nossos dias, obriga-nos a refletir dentro do quadro econômico, regido pelo sistema neoliberal.

O neoliberalismo é atualmente o sistema hegemônico no mundo. Entretanto, comporta sérias contradições e já enfrenta algumas visões críticas que vão ganhando consistências.

O neoliberalismo define-se como a alternativa contra a qual não há alternativa. No dizer de Francis Fukuyama, ele representa o "fim da história" a exigir: a Internacionalização do Capital, mediante a integração econômica com total liberdade ao Mercado, minimização das funções do Estado, entrada indiscriminada da robotização, da automação e da informática e dominação ideológica via Meios de Comunicação Social.

2. Visões Críticas:

2.1) Críticas dos Intelectuais:

Como mencionei acima, vêm surgindo de várias partes do mundo, visões críticas¹, mostrando os limites do sistema neoliberal, quer do ponto de vista econômico, quer do ponto de vista social.

O norte-americano Noam Chomsky (1993, p.1) faz a seguinte crítica:

"É importante ter em mente que ninguém sério e nenhum país rico pensa hoje que o capitalismo seja o sistema viável. Sabemos que não é. O poder dominante fala de mercado livre, mas isto é conversa para países do Terceiro Mundo, o que inclui a Europa Oriental. Eles adoram mandar que esses países - o Brasil, por exemplo - sigam as regras do livre mercado, porque assim eles podem ser saqueados mais efetivamente. Essas regras, porém, jamais vão ser seguidas por qualquer país rico, da Inglaterra à Coreia do Sul, passando pelos Estados Unidos. Todos confiam firmemente na intervenção estatal".

O Teólogo José Comblin (1992, p.31) afirma: "A teoria do livre mercado é uma ideologia de propaganda destinada a conseguir a livre entrada no Terceiro Mundo, mas não a abrir os próprios mercados para os produtos do Terceiro Mundo". As grandes potências sabem se defender contra os perigos do Mercado Livre. Eles têm todas as leis de protecionismo, para garantir seu mercado!

Clodivis Boff na Primeira Semana Social Brasileira, promovida em 1991 pela CNBB, afirma:

"O neoliberalismo, levado ao extremo, apresenta uma face desumana. Não estamos aqui frente a um projeto de sociedade propriamente dito, mas antes a

⁽¹⁾ Consideraremos aqui a relevância e a articulação da fé, da política e da cultura de Benedito Ferraro, apresentada na 12ª Semana Teológica, promovida em 1994 pelo Instituto de Teologia e Ciências Religiosas da PUC-Campinas e pelo Centro Acadêmico João XXIII.

uma ideologia de referência para o capitalismo triunfante. É uma ideologia que, como uma onda imensa, se alastra pelo mundo afora e passa por cima de nossas cabeças... O neoliberalismo, no limite, pensa a economia sem pensar o trabalhador... O neoliberalismo pode se apresentar como não-ideológico e mesmo como a ético. Mas é para esconder finalmente uma ideologia e uma ética materialista, economicista, antropofágica e finalmente nihilista".

2.2) Crítica do Magistério da Igreja:

A crítica ao sistema neoliberal aparece também nos documentos do Magistério da Igreja, quer a nível pontifício, no nível latino-americano e caribenho e também ao nível da Igreja do Brasil.

Assim afirma João Paulo II, referindo-se à exclusão dos pobres:

"Mas sobretudo será necessário abandonar uma mentalidade que considera os pobres - pessoas e povos - como um fardo e como inoportunos maçadores, que pretendem consumir tudo o que os outros produziram. Os pobres pedem o direito de participar no usufruto dos bens materiais e de fazer render sua capacidade de trabalho, criando assim um mundo mais justo e mais próspero para todos. A elevação dos pobres é uma grande ocasião para o crescimento moral, cultural e até econômico da humanidade inteira".

No Documento de Santo Domingos se afirma:

"A política de corte neoliberal que predomina hoje na América Latina e no Caribe aprofunda ainda mais as conseqüências negativas destes mecanismos. Ao desregular indiscriminadamente o mercado, eliminar partes importantes da legislação trabalhista e despedir empregados, ao reduzir os gastos sociais que prote-

giam as famílias dos trabalhadores, foram ainda mais aumentadas as distâncias na sociedade".

Nas Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil (1991 - 1994), encontramos a seguinte crítica:

"Um ponto particular da ética social, que no atual contexto merece aprofundamento, é a crítica da ideologia liberal (ou neoliberal) que, no fundo, apenas encobre sua incapacidade de subordinar a economia à política e à ética, segundo as exigências da democracia e da justiça. No contexto capitalista liberal e do consumismo, a Igreja se vê desafiada a desmascarar a idolatria do dinheiro e de um estilo de vida baseado sobre a acumulação da riqueza e, às vezes, o exibicionismo e o desperdício, tão mais graves e escandalosos em face da fome e da miséria de milhões de brasileiros".

As considerações que tecemos até aqui visam desvelar a perversidade do sistema neoliberal. O que notamos, na atual conjuntura, é um verdadeiro paradoxo: quanto maior o desenvolvimento tecnológico, maior o número de excluídos e mais aumenta a degradação humana.

Penso que aqui se coloca o principal desafio da Educação: colaborar no resgate da dignidade, da consciência e da cidadania do ser humano frente às contradições e os impasses que estamos vivenciando neste final de século.

A educação é o espaço da reflexão, da criação e sistematização do saber. E nós educadores, devemos ser os hermenutas do caos, mas ao mesmo tempo portadores de esperança, anunciadores de utopias, pois vislumbramos no dinamismo da história, usando as palavras de E. Bloch, as possibilidades todas. Para isso é necessário estarmos mergulhados no nosso tempo.

O sistema neoliberal se apresenta como a alternativa única. O mercado é a lógica por excelência, contra a qual cabe a atitude imóvel, impotente e reverencial dos pobres mortais. Acreditar nisso é uma loucura. A inteligência, a criatividade e a ousadia de pensar e acreditar na vida, na história e na justiça são causas motivadoras que nos impulsionam na busca de um novo paradigma.

3. O Papel do Educador

Pensar o papel do educador e analisar a questão da avaliação de uma forma abrangente e com objetividade, obriga-nos a tocar os diferentes aspectos que envolvem a aprendizagem, a saber: o conteúdo, a metodologia, relação professor-aluno, a teoria e a prática. Cabe uma crítica a todo tipo de espontaneísmo, de democratismo que são variáveis falaciosas do pacto da mediocridade: "o professor finge que ensina e o aluno finge que aprende".

Estas considerações apontam rumos a nós educadores que somos eternos aprendizes, na bela e difícil arte de educar. A educação (em latim **ex ducere**), significa trazer à luz as potencialidades, logo o papel principal do educador é envolver o aluno discorrendo sobre o conhecimento com paixão, tendo como meta não a mera instrução, mas a aprendizagem no seu sentido global desenvolvendo as habilidades de forma criativa, rigorosa e competente. Vale a pena evocar, neste momento, o filósofo Sócrates e sua Maiêutica (em grego **maieúesthai**, que significa trazer à luz, parir). A humildade, nos ensina Sócrates, é a porta que se abre à sabedoria e a empáfia é a grade que impede o caminhar rumo à liberdade.

A realidade do conhecimento humano, na sua riqueza e multiforme pluralidade, é comparável ao Mar, ou seja, é muito abrangente. Jamais devemos ter a pretensão de termos o domínio de toda verdade. No entanto, o papel do educador é possibilitar ao educando os instrumentos que o torna apto a navegar neste grande Mar do conhecimento, não na arrogância e na ilusão de um domínio total, mas na humildade de quem se alegra com cada con-

quista, com a descoberta de cada fragmento que vai sendo desvelado.

Educar não significa dominar a totalidade dos saberes que o Mar contém, mas ter consciência desta totalidade e navegar sempre na tentativa de tornar límpidas e cristalinas as verdades que este comporta.

4. O Perfil do Educador e sua Função

Diante destas considerações, naturalmente nos vem à mente a questão central que estamos refletindo, a saber: o papel do educador frente aos desafios de uma sociedade em processo de mudança acelerada. Para responder a esta questão, recorreremos ao grande educador Paulo Freire que em sua obra *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*, apresenta de forma poética e amorosa o perfil do educador e sua função.

A dimensão fundamental do educador está na consciência que este deve ter da responsabilidade que comporta o ato de educar, que é essencialmente um ato de relação amorosa com o educando. Na perspectiva de Freire eis as exigências que devem pautar o perfil do educador:

"Ensinar exige rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, estética e ética, a corporeificação das palavras pelo exemplo, risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação, reflexão crítica sobre a prática, o reconhecimento e a assunção da identidade cultural, consciência do inacabamento, o reconhecimento de ser condicionado, respeito à autonomia do ser do educando, bom senso, humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores, apreensão da realidade, alegria e esperança, a convicção de que a mudança é possível, curiosidade, segurança, competência profissional e generosidade, comprometimento, compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo, liberdade e autoridade, tomada consciente de decisões, saber escutar, reconhecer que a

educação é ideológica, disponibilidade para o diálogo, querer bem aos educandos...". (Freire, 1997).

5. As Implicações Políticas do Educador

Diante do exposto e frente à inevitável correlação entre educação e metodologia, precisamos discutir a necessidade do domínio da técnica e do conteúdo inter-relacionados com a realidade e os desafios que esta nos lançam.

Em a Formação do educador e Educação Política (Silva 1992, p.23), salienta o intelectual e sua função social na perspectiva teórica de Gramsci que

"Assume a função orgânica de cimentar a unidade cultural da sociedade e de ser o agente da hegemonia criadora do consenso no âmbito dos grupos sociais e da sociedade, partindo do senso comum desses grupos e criticando-o".

E continua Silva:

"Essa função difusora do professor não se realiza pelo simples passar adiante ou espalhar para um grande número o que foi descoberto individualmente ou no recôndito da Academia. Ele não é um simples conduto ou instrumento reprodutor, sua função difusora tem um caráter eminentemente político e por isso exige que as descobertas da ciência e da filosofia tenham uma relação imediata com o processo de transformação do modo de agir dos homens e da realidade social. A função difusora do professor é, necessariamente, uma função crítica, tendo como referência a direção ético-política, enquanto o conhecimento se faz norma de ação e provoca o envolvimento da maioria no processo de transformação da realidade: Esta relação viva entre contexto e intelectual é que se constitui no fundamento para que a relação entre conhecimento produzido e conhecimento a ser assimilado vá deixando de ser mecânica, rotineira, desprovida da intervenção da consciência" (1992, p.42).

Consideração Final

Ao concluir estas considerações, gostaria de frisar a necessidade de se ter uma nova atitude diante da educação e uma nova relação com a metodologia, com os conteúdos e com as pessoas implicadas nesse processo.

A educação e o processo de aprendizagem devem estar articulados com o processo de mudanças sociais, visando uma maior participação na reconstrução de uma sociedade democrática e justa.

Novamente, gostaria de reportar ao pensamento esperançoso de Paulo Freire que dizia: *"Criar o que não existe ainda deve ser a pretensão de todo sujeito que está vivo"*.

Bibliografia

- APPLE M. W., O que os Pós-modernistas esquecem: capital cultural e conhecimento oficial. in: GENTILI, PABLO A. A.; SILVA, Tomaz Tadeu da (org). Neoliberalismo, qualidade total e educação: *visões críticas*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BOFF, C., O Mundo do Trabalho: Desafios e Perspectivas no Brasil Hoje. Síntese e Comunicação final. In: **O Mundo do Trabalho: Desafios e Perspectivas**. São Paulo: Paulinas, 1992.
- CHOMSKY, NOAM. *Entrevista a Hamilton dos Santos*. In: O ESTADO DE SÃO PAULO, 19/06/1993, Cultura.
- CNBB, Doc. 45, nº 240.
- COMBLIN, J., Sinais dos Tempos no final do século XX. In: *Vida Clamor e Esperança*. São Paulo: Loyola, 1992.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- JOÃO PAULO II, *Centesimus Annus*, 28 (Cf. também C. A. 33).
- SANTO DOMINGO, 179; cf. também 197. 198. 199. 202.
- SILVA, J. I. da. *Formação do Educador e Educação Política*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.